

Médicos param de fazer cirurgias no DF

Foton Soares

Saúde

Maurilio Lemes

O Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal decidiu ontem, em reunião dos seus membros, no final da tarde, que os médicos não vão mais realizar certos tipos de atendimentos, principalmente cirurgias, qualquer que sejam elas, nos hospitais da Fundação Hospitalar do DF, pois não há neles condições mínimas para isso.

O vice-presidente do Sindicato dos Médicos de Brasília, Antônio Luis Ramalho Campos, um dos participantes da reunião do CRM, explicou que essa decisão será seguida pelos médicos mesmo depois que terminar a greve dos profissionais, que hoje completa 22 dias.

Contra a ética

"Se submetessemos um paciente a uma cirurgia num hospital que não oferece as condições ideais para isso, estariam colocando esse doente em risco de vida, o que é contra a ética médica. Estariam, assim, sujeitos a incorrer num erro médico", comentou o vice-presidente do Sindicato.

Antônio Luis Ramalho revelou que, atualmente, nenhum dos hospitais da Fundação Hospitalar oferece as condições mínimas para se proceder a uma operação ou mesmo anestesia de pacientes. Essas deficiências, acrescentou, começam pelo Hospital de Base de Brasília, onde não há como esterilizar os instrumentos cirúrgicos e nem mesmo de lavar a roupa.

Baratas

No Hospital Regional de Taguatinga, segundo o médico, as baratas e outros tipos de insetos tomaram conta do Centro Cirúrgico, além de outras deficiências que impedem a realização de qualquer operação mais delicada, pois o paciente correria o risco de contrair uma grave infecção, o que trazeria em erro médico.

Situação semelhante, relata Antônio Ramalho, acontece no Hospital Regional do Gama. Ali, quando chove, o Centro Cirúrgico recebe um verdadeiro banho através das goteiras que pingam por todos os cantos. "Já pensou um paciente sendo operado numa situação dessas?", indaga o médico.

Poeira

No Hospital Regional da Asa Sul há sete meses os médicos vêm atendendo os pacientes num depósito, mesmo assim em meio à poeira levantada nos trabalhos de reforma do prédio, sendo, por isso, impossível realizar qualquer cirurgia ali.

O médico Antônio Ramalho disse que cada vez que chegar um paciente precisando operar, num desses hospitais, será feito um relatório explicando os motivos da recusa em realizar a cirurgia. Também serão colocados cartazes nas portarias alertando aos pacientes para a suspensão das cirurgias e os motivos disso.

Pazzianotto pode ser mediador

Uma comissão de médicos da Fundação Hospitalar do DF, em greve há 22 dias, estará em audiência hoje, de manhã, com o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto. Eles vão pedir ao Ministro que faça uma intermediação com o governador José Aparecido, na tentativa de que sejam atendidas as suas reivindicações de reposição de perdas salariais e de melhores condições de trabalho nos hospitais.

A partir das 19 horas, na sede da OAB-DF, os médicos estarão reunidos em nova assembleia, quando será feita uma avaliação da greve e das ameaças feitas pelo Governador, na sexta-feira passada, de demitir sumariamente aqueles que não comparecessem hoje ao trabalho, tanto médicos como professores. O Governador, contudo, deixou para colocar essa decisão em prática depois das assembleias das duas categorias, que acontecem hoje.

Retorno

O tesoureiro do Sindicato dos Médicos de Brasília, Romualdo Silveira Filho, um dos líderes do movimento, disse ontem que é bem possível que seja colocada em votação, na assembleia de hoje, a

proposta de retorno ao trabalho. Mesmo assim, o dirigente acredita ser difícil os profissionais decidirem pelo fim da greve agora.

Ainda ontem, pela manhã, os médicos estiveram reunidos com dirigentes de vários sindicatos e de associações comunitárias do Distrito Federal, quando discutiram com eles a situação do setor de saúde em Brasília e os problemas enfrentados pela categoria.

Caótico

"A verdade é que o setor de assistência de saúde em Brasília chegou a um ponto extremamente caótico, principalmente em função das deficiências nos estabelecimentos hospitalares", comentou o tesoureiro do Sindicato dos Médicos, Romualdo Filho.

Ele explicou que os médicos querem apenas uma proposta concreta do Governo do DF diante dessa situação, «coisa que até agora não aconteceu». Romualdo acrescenta que a expectativa dos médicos é de que o Governo resolva partir para uma negociação, o que esperam acontecer com a mediação do ministro Pazzianotto, com quem terão audiência hoje, com essa finalidade.

Internados pedem providências

"Nós somos o principal motivo da existência dos hospitais e, portanto, exigimos que o Governo do Distrito Federal assuma o compromisso, perante os pacientes, de promover a melhoria das condições de trabalho nos hospitais". Este apelo foi feito por Doralice Oliveira da Silva, paciente do Hospital de Base há 16 anos, que em nome de 600 internos do HBB coordena um movimento de apoio à greve dos médicos.

A paciente que é portadora de uma doença crônica, a lupus hereditatose, precisa ser internada periodicamente no HBB, diz que os pacientes do hospital não podem cruzar os braços diante do que vem acontecendo. E para manifestar o seu protesto diante das más condições de trabalho nos hospitais, onde segundo Doralice, falta desde equipamentos até algodão e

mercúrio, ela resolveu elaborar uma carta onde, em nome dos pacientes do HBB, apela ao governador José Aparecido, para que resolva de uma vez por todas o atendimento precário no hospital. "Somos obrigados a dizer um basta a este sofrimento, uma vez que estamos correndo sérios riscos de vida. Chega de promessas, queremos recursos para um tratamento digno", desabafa Doralice da Silva.

Ela afirma ainda que espera contar com o apoio da comunidade, que não está livre de ser internada em um hospital e correr os mesmos riscos a que são submetidos hoje, como a infecção hospitalar. "Precisamos obter recursos para que possamos distribuir uma carta aberta às autoridades, pois nós pacientes somos vítimas da falta de condições de tratamento", afirma Doralice.